

BRINCANDO COM BRINQUEDOS NÃO BRINQUEDOS: UMA ANÁLISE PRÁTICA SOBRE O BRINCAR LIVRE¹

Isadora Cruz dos Santos dos Santos²
Marcelo Oliveira da Silva³

O presente trabalho foi desenvolvido como relato de experiência a partir das atividades práticas exercidas no Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) Educação Infantil, da Faculdade de Educação (Fae), da Universidade Federal de Pelotas na turma do pré 2B na Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes. O objetivo é explorar as múltiplas facetas do brincar livre e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. Utilizando como elemento norteador essencial o livro *Brincando com Brinquedos não Brinquedos* (Ferreira et al, 2022). Além de diversos artigos que abordam a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (FINCO, 2015, p. 235). As práticas desenvolvidas visam demonstrar a demasiada importância da utilização do brincar livre e de objetos não estruturados (brinquedos não brinquedos) como contribuição para o desenvolvimento integral da criança.

Conceituando currículo como práticas que articulam saberes e experiências com conhecimentos já existentes para promoção do desenvolvimento integral, podemos afirmar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017) apresenta déficits quando consideramos uma pedagogia da infância que possibilite contextos educativos, tempos, espaços, materiais e relações entre os sujeitos, pois além de contribuir para o controle docente e discente, avaliações meritocráticas e unificação das diferenças, tampouco proporciona o desenvolvimento corporal, espiritual, sentimental e criativo. Nesse sentido,

Embora a BNCC (Brasil, 2017) destaque que o ritmo de cada criança deve ser levado em consideração, estabelecer listagens de objetivos pode tornar o currículo e o planejamento rígidos e inclusive estigmatizar crianças que não alcancem os resultados esperados com um "rótulo" de incapacidade. (SILVA, CARVALHO, 2020, p. 6)

¹ Resultados do projeto de pesquisa, ensino e extensão: Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) Educação Infantil, da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: icssantos2002@gmail.com

³ Professor do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, área da Educação Infantil. E-mail: moliveiras@gmail.com

Com isso, com a partir de entendimento criança como protagonista, da pedagogia da escuta, e dos direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e desenvolver-se, foram utilizados brinquedos não estruturados (materiais não estruturados) que despertem o imaginário e promoção do pessoal social tanto de maneira individual como coletiva.

Mesmo com o trabalho ainda em andamento, mudanças significativas foram percebidas, principalmente em crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas possíveis dificuldades de socialização, apresentando melhor desempenho e participação no decorrer das práticas, contribuindo efetivamente para inclusão nas demais atividades cotidianas e diminuição da exclusão com o restante da turma. Nas crianças com desenvolvimento típico foi percebido a evidente melhoria na comunicação e ampliação da imaginação e de brincadeiras coletivas, demonstrando notável interesse na exploração e expressão. “O brincar emerge como um refúgio, um espaço de novas possibilidades, invenções, descobertas e produções de sentido” (FERREIRA et al, 2022, p. 23) contribuindo no convívio e desenvolvimento pessoal, respeitando singularidades e especificidades de cada um.

A infância é o momento da vida que, mesmo já estando dentro de um sistema que possui normas e regras, adequado e inadequado, ainda não temos consciência de toda essa normatividade. Dessa forma, as crianças ainda respiram maior liberdade, o que possibilita a expansão e amplitude de poder viver ao máximo, o poder do ser em toda sua magnitude, do explorar, da curiosidade, e de não estar emparedado por espaços físicos (e até mesmo mentais e emocionais). Por isso, devemos propor experiências adequadas, seguras, envolventes, divertidas e que despertem a curiosidade. Assim o brincar livre, sem tantas regras, inventado pelas crianças e sem interferência dos adultos estimula a curiosidade e o desejo de conhecimento. “Ver as coisas com outros olhos permite ficarmos cativados diante da sua existência, desejando conhecê-las pela primeira vez ou de novo” (L'ECUYER, 2015, p. 31).

Brinquedos comprados prontos já possuem determinada função, pouco incentivam a imaginação, descoberta, invenção, criação e possibilidades, além de não durarem muito tempo e serem esquecidos mais facilmente pelas crianças. Portanto, faz-se necessário a adesão à brinquedos não estruturados, essa proposta visa a utilização de materiais acessíveis, inéditos, reciclados e recicláveis que possibilitam inclusão de diversas realidades, podendo proporcionar a diminuição da desigualdade no desenvolvimento integral infantil, produzindo arte, desenho, escultura, e estimulando o potencial inventivo da criança.

Utilizando uma abordagem qualitativa, o relato de experiência dialoga com a

pedagogia da Infância como “objeto de preocupação a própria criança e seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (ROCHA, 2001, p. 31). Sendo assim, estão sendo utilizadas como instrumento principal a realização de intervenções pedagógicas, com caixas de ovos, bandejas, potes, rolos, latas, pedras, flores, conchas, pompons, caixas de papelão, caixas plásticas, entre outros materiais que visam a exploração de brinquedos não brinquedos, e como essas descobertas desenvolvem inúmeras facetas das crianças.

As intervenções ocorrem todas às quartas-feiras durante 1 hora e 30 minutos na turma do pré 2B da Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes, localizada na cidade de Pelotas-RS. Todas as intervenções são antecedidas por leituras prévias para que haja a introdução das crianças no universo do letramento, da imaginação, da literatura e da fantasia. As crianças participam ativamente da leitura, realizando comentários sobre a história ou ilustrações, além da exploração do livro apresentado. As professoras são direcionadas pelos interesses das crianças para definir os caminhos que os projetos de trabalho propostos irão tomar. O princípio da prática docente considera a noção de interesse, onde as crianças são a base das ações educativas, em torno das quais as propostas devem ser elaboradas e executadas. (CARVALHO; GUIZZO, 2016)

Percebemos assim como o brincar é a força das culturas infantis e que as crianças exalam a necessidade do movimento como expansão do corpo e sua forma de expressão, explorando seu desenvolvimento. O potencial do aprendizado está dentro de cada indivíduo, defendendo a criança como o sujeito que deve ser olhado em sua própria perspectiva, ou seja, implicando em um olhar crítico para criança, tornando-a protagonista do seu desenvolvimento. A pressa e a utilidade são armadilhas da lógica adultocêntrica. Por meio das intervenções pudemos perceber que a observação atenta e escuta sensível unida aos brinquedos não brinquedos são positivos para as infâncias. A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo “garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e interação com outras crianças” (BRASIL, 2009).

Por meio das práticas, foi notada uma evidente melhoria na socialização, inclusão e atividades coletivas entre as crianças, além do entusiasmo e curiosidade para explorar os materiais selecionados para a proposta do dia. Nas crianças com diagnóstico de TEA percebe-

se avanço em brincadeiras com os demais colegas, busca pela interação e aumento gradativo e significativo do contato físico e afetivo entre o restante da turma. De modo que confirma a importância do brincar livre fazer-se presente no cotidiano da educação infantil, incentivando uma formação do indivíduo muito além dos conteúdos programáticos, mas uma educação que desenvolva o ser em sua totalidade.

A infância caracteriza-se pela alegria, convívio, interação, descoberta, exploração, brincadeira, desafios, pesquisas, desenvolvimento de hipóteses e conhecimento do mundo. Defende-se uma educação infantil que valorize as culturas infantis, considere os interesses das crianças, seus desejos e necessidades e não apenas programas desenvolvidos por adultos distantes do cotidiano das crianças e da turma. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2017), para a Educação Infantil, omite as diretrizes sobre o direito à convivência, ao interagir, à participação nas atividades diárias, à exploração e ao conhecimento do mundo; ao direito de brincar, ao direito de receber afeto e cuidados. Em vez disso, apresenta uma lista de conhecimentos e competências que devem ser ensinados e desenvolvidos dentro de faixas etárias definidas de forma arbitrária (PEREIRA, 2020).

As crianças se interessam em serem protagonistas dos processos que participam, sentem a necessidade de analisar a questão; ponderar sobre as necessidades, planejar, explorar opções, mensurar, conceber, estimar, modelar, criar, experimentar, avaliar, adaptar e destruir (NICHOLSON, 2009). Por isso, devemos evitar o excesso de regras e materiais prontos e específicos, pois estes contribuem para o distanciamento e diminuição da experimentação e exploração que envolve o brincar. Precisamos propor um espaço que considere as possíveis combinações e apresentações que os materiais podem proporcionar.

Palavras-chave: Educação, Educação Infantil, Brincar, Brincar livre.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CNE, 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa; GUIZZO, Bianca Salazar. Interesse das crianças, pedagogia de projetos e metacognição: a arte de governar a docência na Educação Infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 23, número especial, p. 212-226, set./dez. 2016.

FERREIRA, Anna Carolina, et al. **Brincando com Brinquedos não Brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

FINCO, Daniela. Campos de experiência educativa e programação pedagógica na escola da infância. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas: Leitura Crítica, 2015, p. 233-24.

L'ECUYER, Catherine. **Educar na curiosidade**. 3. ed. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.

NICHOLSON, Simon. **The theory of loose parts**. Studies in Design Education Craft & Technology, v. 4, n. 2, set. 2009.

PEREIRA, Fábio Hoffmann, Campos de experiências e a BNCC. **Zero-a-seis**, Vol. 22, Nº. 41 (Jan./Jul.), 2020, p. 73-89
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroses/article/view/1980-4512.2020v22n41p73>

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pedagogia e a educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 22, p. 27- 34, jan./abr. 2001.

SILVA, Marcelo Oliveira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Concepções sobre Currículo na Educação Infantil: ressonâncias da pedagogia da infância em narrativas de professoras. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n.2, p. 197-514, maio/ago. 2020.
<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss2articles/silva-carvalho.pdf>